



VIDA ARTISTICA

SEMANARIO DE ARTES E LETRAS

Proprietario—JAYME CORRÊA
 Director—J. PEDROSO AMADO
 Chefe de redacção—EDUARDO FERNANDES
 Editor—ERNESTO ZENOGLIO

À constancia se deve toda a gloria.
 LUIZ DE CAMÕES.

ASSIGNATURA

PORTUGAL E ILHAS	
3 mezes	Rs. \$500
6 "	" \$1000
12 "	" \$2000
ESTRANGEIRO	
3 mezes	Rs. \$900
6 "	" 1800
12 "	" 3600

As assignaturas comecam sempre no principio dos trimestres

PREÇO AVULSO

30 RÉIS

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a RUA DO MUNDO, 81, 2.º

LISBOA

Composiçã e impressã
 Offic. da illustraçã Portugueza
 RUA DO SEculo, 48



José Vianna da Motta
 DISTINCTO PIANISTA

OFFIC. ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA

Considerações geraes sobre a arte em Portugal

IV

Passada a acção remodeladora de Pom- bal, a nossa nacionalidade soffre como que um recuo e a vivacidade artificial, que o impulso vigoroso d'um homem lhe imprimira, desaparece para, mais uma vez, a lethargia vir entorpecer-nos. Comtudo, por aqui e por ali, subrepticamente, vinha insinuando-se o espirito moderno; os encyclopedistas, embora anathematisados n'um paiz de frades e freiras, começaram de ser lidos e apreciados pelas classes mais illustradas e preparavam assim o advento moroso de uma nova época. A atmospheria social, porém, era tão pouco propicia á vida intellectual e artistica que os melhores espiritos se viam forçados a emigrar, para que os seus corpos não fossem, porventura, ainda rechinar em qualquer fogueira, como o do mallogrado Judeu, nem fossem apodrecer em qualquer masmorra infecta. Assim, Ribeiro Sanches, o abbade Correia da Serra, Filinto e tantos outros foram ao estrangeiro procurar abrigo para os seus cerebros; Bocache, embora muito protegido pelo ministro Seabra, não escapou á prisão, o infeliz e mallogrado José Anastacio da Cunha cahiu victima da largueza do seu espirito.

Quasi na aurora do seculo dezanove, na sua primeira decada, as hostes napoleonicas invadem a nossa terra, talam os nossos campos, sem que de começo se manifestasse qualquer reacção, antes sendo recebidas como gente amiga, como gente superiormente dirigida e favorecida por Deus, no dizer do patriarcha de Lisboa d'essa época. Necessario foi que o estylete da abjecção chegasse ao mais fundo do organismo, para que, n'um estremeção violento, apoiado pelo esforço inglez, o paiz conseguisse repellir, para além das suas fronteiras, o ultimo soldado invasor. Mas quantas perdas, quantas preciosidades artisticas não nos foram então arrebatadas para sempre! Franceses inimigos e ingleses amigos entenderam-se ás maravilhas e á porfia nos esbulharam do muito e muito valioso que em arte nos restava das nossas épocas verdadeiramente criadoras e grandes.

E' quasi banalidade e logar commum muito vulgar o dizer-se que as idéas modernas vieram para nós envoltas nos estandardes napoleonicos, e, de feito, em grande parte assim foi. Ao desabrochar d'essas idéas devemos nós o precipitar-se a crise que, fatalmente, entre nós se havia de dar, para a resolução do combate entre o espirito antigo, mas não tradicionalista entre nós, e o espirito moderno; e assim vamos assistir dentro em pouco, após um triumpho ephemero das novas idéas, triumpho que, todavia, nos custou a infamia do assassinato de Gomes Freire e seus infelizes e mallogrados companheiros, ao duello de morte entre o absolutismo e o constitucionalismo, esse enxerto que na vida politica da Europa fez o espirito acanhado da transigência dos incapazes de arcarem com as consequências do problema apresentado pela grande movimentação, que agitou a França nos fins do seculo dezoito.

O absolutismo, como todas as instituições irremediavelmente condemnadas, fez-se perseguidor; arvorou em cada praça publica portuguesa a forca como um symbolo, a morte como um labaro. E, em presença de tanta sanha, muitos portuguezes, especialmente aquellos moços que formulavam ideaes mais avançados e architavam a conquista de tempos melhores, foram forçados a procurar no exilio a salvação da propria vida. Entre elles vão dois rapazes que á arte portugueza hão de insuflar novos alentos, hão de procurar imprimir nova orientação, Garrett e Herculano.

Para além dos Pyreus, no segundo quartel do seculo dezanove, a escola romantica, cujo alto significado tão escarneo e vilipendiado tem sido por aquelles a quem a cegueira não permittiu que a comprehendessem, affirmava-se então por entre luctas temerosas como o porta-estandarte das idéas vindas á superficie pela agitação fecunda dimanada da revolução francesa. O romantismo, que não é apenas uma escola litteraria, mas propriamente uma escola que se envolveu em todos os complexos problemas sociaes, seduzia então todos os espiritos progressivos e fazia estremecer as multidões pela apresentação das mais ousadas theorias da época. Na Inglaterra, entre todos, destacava-se Walter Scott; na Allemânia, Goethe e Schiller; na Italia, Pelli- co e Foscolo; na França, Hugo, Chateaubriand e Delavigne, arcaram com o emba- te da lucta esthetica, que apoiava incondicionalmente o duello entre o espirito theocratico da Santa Alliança e o espirito liberal, que teve de transigir com o hybrido conceito das chamadas doutrinas constitu- cionaes, que vieram marcar um compasso d'espera na evolução natural da humanida- de, trazendo mais tarde, como havemos de vêr, o triumpho ainda hoje effectivo de muita mediocridade e de muito imbecil levanta- do nos escudos da paspallice burguesa.

Foi n'esse foco intenso de lucta que Gar- rett e Herculano temperaram os espiritos, adquiriram o conhecimento das novas dou- trinas e assimilaram os novos ideaes esthe- ticos. Deu isto em resultado que o consti- tucionalismo entre nós originasse uma nova fase na estrutura mental e esthetica da nossa gente. Aos golpes despedidos por Garrett e Herculano desmoronou-se o velho edificio; mas, por entre as suas ruinas, nos intersticios das muralhas, não completa- mente arrazadas, a grama daminha bro- tou e abafou uma floração extraordinaria- mente prometteradora e rica.

Garrett, despido os ultimos farrapos ar- cadicos, inicia o romantismo entre nós e vae buscar á tradição popular, á alma do povo, a verdadeira inspiração, a fonte pe- renne de toda a arte, porque esta em todas as suas manifestações, não é mais do que, como Thomaz Mommsen escreveu, a expressão da vida d'um povo. Desenterrou d'essa inesgotavel mina todos os thesouros inestimaveis da criação collectiva e com ellas organisou o seu *Romanceiro*, cujo valor apenas é um pouco diminuido pelo sa- bor litterario e convencional que lhe imprimiu; compõe o seu *Camões*, epopeia extraor- dinaria que pretende, pelo culto do grande poeta, reatar a tradição nacional, entre nós verdadeiramente interrompida depois do seculo dezaseis e procura resurgir o thea- tro portuguez, cujos incios vicientinos, tão brilhantes, haviam sido abafados. E d'esta sua orientação, d'esta noção exacta e per- feita que Garrett teve da acção da arte nos phenomenos sociaes, dos quaes a arte é um, provieram as suas maravilhosas cria- ções theatraes, em que avulta como perola da mais pura agua o *Fr. Luis de Sousa*, todo um drama dilacerante de paixão, e a fundação do *Conservatorio* como centro fu- turo de toda a nossa educação artistica.

Herculano, inspirado pela mesma corren- te romantica, embebido nas mesmas idéas mães, lança os fundamentos da historia e do romance historico entre nós. Trazidos á luz, estudados por um criterio scientifico, os primeiros e tão obscuros periodos da nossa nacionalidade, Herculano, por muito que com intuitos depreciativos se diga que não escreveu para o povo, procurou, a dentro da sua esphera d'actividade, fazer resuscitar tambem a tradição nacional. E é precisamente n'esta, é no engolpharmo- nos conscientemente em todo o nosso fundo ethico que está a solução da tremenda cri- se nacional, que de longa data vimos atra-

vessando, crise que, como não podia dei- xar de ser, affecta todas as nossas manifes- tações estheticas, toda a arte, pretensamente nacional, que, como misera e mesquinha, vae arrastando uma vida de desgraça, vae dia a dia perdendo alentos, até, se a tempo lhe não acudirmos, correndo a chicote toda essa farfalhe de pseudo, esthetas, alvar- mente endeusados, se estiolar de vez, ar- rastando na sua queda a autonomia nacional.

Os esforços de Garrett e Herculano não foram secundados, por incomprehendidos. O romantismo, entre nós, cahiu, como de resto por toda a parte; mas aqui, por moti- vos que analizaremos, a sua queda foi por entre uma grita justiceira de vaías e apo- dos. Assumpto é esse interessantissimo, que trataremos em numero ou numeros se- guintes para, por hoje, não inocularmos de- masiada leitura suporifera no espirito d'al- gum benevolo leitor, que tenha a magnani- midade de nos lêr e de aturar as rabugices de quem, não sendo positivamente um ve- lho, é, todavia, encardado por muito boa gente como um *caturna* insuportavel.

AGOSTINHO FORTES.

Addeuda.—No ultimo artiguinho a revisão dei- xou passar um João Vasco; evidentemente, o leitor teve a bondade de corrigir para Grão Vasco, o gran- de pintor portuguez.

A. F.

CARTAS ABERTAS

AO

Senhor Presidente da Republica

Illustrissimo e Excellentissimo Sr. Presidente:

No cumprimento da minha promessa e da missão que me impuz de dizer e de reclamar contra a atmospheria asphixiante que se respira no meio artistico-theatral, tenho de ser longo, porque o assumpto é vasto, variado e complexo. Além de que, desde que tomo a meu cargo expôr factos e coisas de sua natureza graves, assumo o dever de precisar uns e outras, documentando a minha argumentação, inspirada no mais absoluto conhecimento das causas que a determinam.

Comecei a *viver* cedo, eminente concida- dão, e desde logo me ensinaram que uma das condições indispensaveis para chegar a ser homem, no sentido rigoroso do termo, era soffrer do mal de que viesse a quei- xar-me, e cumprir sempre os meus deve- res, acrescentavam. A principio, o meu espirito teve accessos de revolta. Havia idéas suppostas antagonicas. Mas, com o decorrer dos tempos, veio a reflexão e acabei por me afazer, comprehendendo a razão de ser de tal doutrina, tão porfiada- mente entoada aos meus ouvidos. Hoje bemdigo-a. Produziu o agri-dóce fructo da experiencia, o qual me conduz agora, por exemplo, a apoiar-me em sensações senti- das e direitos conquistados, a fim de reclamar para outros o bem que me não foi da- do gosar.

E quero assim porque quero; pois tendo todos os defeitos inherentes aos do meu sexo, não enfermei nunca de—egoismo. Abrirei lucta com o proprio inferno para o com- bater.

Por vezes o facto me tem custado des- gostos acerbos e abalos profundos, o que mais faz vibrar a acção nervosa de todo o meu ser, impellendo-me a mais acesa ba- talha. O perigo augmenta? A desgraça está imminente? Tanto melhor! Ir ao seu encon- tro é não tão sómente attenuar-lhe os effei- tos, mas desafia-la, dominal-a.

N'uma sociedade corrupta e devassa, co-

mo a nossa, n'um meio que é pae carinhoso para uns e padrao ignobil para outros, é possível que a maldade d'aquelles cujos péssimos desígnios eu haja de combater, se lembre alguma vez de contrapôr aos meus propósitos honestos uma guerra que vá até ao meu direito ao pão. Ha gente capaz de tudo. Até mesmo de ser inutil. Todavia estou em guarda, porque no dia em que tal aconteça tomará parte integrante na contenda certo instrumento, cuja voz áspera, breve e sôcca, é talvez por isso mesmo muito mais eloquente e convincente do que a minha.

Prestados estes esclarecimentos, permitta-me V. Ex.^a que aborde o assumpto da presente carta.

Na minha anterior, tomei a liberdade de submeter á esclarecida ponderação de V. Ex.^a um caso que pela sua elevada transcendencia merece immediata solução.

Entre outras coisas, disse eu que, no intuito de proceder efficazmente á obra do saneamento da educação nacional, deveria collocarem-se desde já creanças e adultos sob a fiscalização da Lei, lei severa, rigorosa, insofismavel.

Chamei a isto, se bem me recordo,—começar pelo principio, e obedecendo por espirito de coherencia a esta ordem de idéas, tratei primeiro das creanças, pobres victimas dos erros e defeitos dos adultos.

Collocadas as coisas n'este pé, proseguirei tratando d'estes pelo processo da orientação exposta, isto é, encaminhando-os.

Vamos vêr como.

Para isso, porém, tenho que me remontar outra vez á minha carta anterior, no ponto onde me refiro a—revistas do anno, esse genero muito em voga nos theatros do paiz, especialmente em Lisboa. Data de muito longe a exhibição no theatro do genero referido. V. Ex.^a, academico illustre como é, melhor o sabe do que eu. Mas não ignora tambem V. Ex.^a que n'elle não escasseava a arte, ainda na mais leve das suas manifestações, das quaes resultava ensinamento, propósitos e fins que presidião á sua confecção.

E todavia, a despeito de taes principios, a sua apparição fazia-se de tempos a tempos, de longe em longe, o que não causava prejuizos á accção educadora da virtude derivada do respeito que todos se deviam, nem do culto pela arte. Sim, porque sabido que a critica contida em taes obras era discreta, vella, graciosa umas vezes, outra revestida de certa mordacidade, em todos os casos artistica, logico é concluir por a somma de moralidade que no fundo existia.

Como tu o evolue, o genero foi-se modificando e desdobrando, dando-nos a farcha, o entremez, a burleta, etc.

Alguma coisa ficou, todavia, da forma antiga, e com esses restos se creou a chamada revista do anno, havendo algumas notaveis pela concepção, pelo humorismo satyrisado, para o que se adoptou então o systema de as fazer como que um repositório de critica a successos e pessoas que atravessavam aquelle espaço de tempo.

E' notorio que mesmo no modo de colligir esses acontecimentos ou exhibir essas entidades, na maneira de expôr uns e outras á luz da rampa, havia uma certa arte e era indispensavel ao seu auctor possuir uma valiosa bagagem de conhecimentos. A allusão era picaresca, mas recatada; a personagem era ridicula, caricata, mas decente; a phrase aguda, espirituosa ou levemente polvilhada de sal finissimo, segundo as circumstancias o exigiam, sem contudo desagradar ao paladar mais delicado.

Faziam essas peças a sua apparição uma vez por anno, ali por principios do anno immediato áquelle em que os successos zargunchados tinham occorrido, e apenas um ou outro theatro exhibia uma, lá de longe em longe.

Isto fazia-se n'uma época em que os emprezarios exploravam arte, arriscando magnificos capitaes, devidamente compensados pela concorrência do publico, brilhante periodo em que os litteratos e os artistas dramaticos tinham o culto da profissão, onde não rareavam os talentos, como se prova pela existencia do que de bom hoje resta, sem substituição.

Chega-se, porém, ao periodo em que todos esses cultores desaparecem, em grande parte ceifados pela morte, succedendo-lhes exploradores que, abarrotados de sciencia e arte, pretendem operar uma transformação radical no meio artistico, allegando tresandar a bafo.

Então, começou o desmanchar da feira. O templo converteu-se em mercado, em prostibulo, aos gritos de guerra de:—Abaixo a arte! Morra a moral!... Passagem aos novos! Viva o commercio livre!

De então para cá a arte, coberta de andrajos, uivando de fome e desespero, envergonhada da propria miseria, só pensou em morrer!...

Em compensação, começava o reinado da licença.

Os emprezarios surgiram de todos os canos de exgoto, trazendo presos a si litteratos e artistas de todos os generos e qualidades: ephebos, pederastas, mercurios, messalinas, menelaus... todos bons companheiros de outros logares, os quaes passavam assim a rebrihar aos olhos de um publico ávido de gosos, sem se lembrar que já uma vez os vira, ou gosando ao vêl-os de novo sob um aspecto desconhecido.

O mercador, desenvolvido o gosto pelo «mercado», deu-se pressa em fazer crescer e multiplicar o genero. Para isso creou a revista moderna, mais perfeita, mais completa.

Já não é preciso ter conhecimentos, ainda os mais elementares, de arte, esthetica, litteratura, ou sequer de syntaxe, para fazer isso que para ahi se vê. Basta imaginar trinta personagens imbecis: o guarda-napo, a saia travadinha, o regador, o metro, o pavio, o marido atraído, a mulher adúltera, um atavico, etc. Os tres ultimos são indispensaveis.

Na bocca põe-se-lhes toda a classe de obscenidades; nos gestos, lubricidade. Muito farrapo, meneios de algumas victimas, exhibição crua do impudor de outras, a quem a fome muitas vezes impede de protestar (algumas é por luxo), e prompto. Está feita uma revista, composta de muita miseria, falta de vergonha e abundancia de porcaria.

De quando em vez parte uma caravana para o estrangeiro, para o Brazil, a mostrar isto. O chefe, o mercador, chega e exclama:

—Meus senhores e senhoras; eis a arte em Portugal.

Excellencia: o habito tornou-se tão natural, que lá já não se espantam. Commentam. Com vergonha para nós!

Eis a educação litteraria, artistica e moral do nosso paiz. Está feita, e a quantidade do producto que a origina não pôde ser maior.

Os ministros da instrucção, os governadores civis e a Imprensa premeiam, consentindo-a.

Presentemente, quem desconheça o vocabulario das villas, as acções das alfurjas, as predilecções do actor X ou as qualidades plasticas da actriz Z, vai ao theatro. Lá encontra de tudo. E' uma especie de museu vivo, de bibliotheca para estudantes de bordel, que tem a vantagem de poder ser frequentada pela familia, uma vez que muitos a levam lá, naturalmente na intenção de que se eduque e recreie. *Utile et dulcis.*

Infelizmente, para os mercadores, nem toda a gente quer já *recrear-se.*

E são innumeradas as casas de espectáculo (?) que exploram o genero. Basta percorrer a secção respectiva em qualquer jornal.

Todavia, Ex.^{mo} Sr., emquanto a arte e a educação se perdem, ha verdadeiros artistas, dos que honraram a sua profissão e a sua patria, que morrem ao abandono, mercê de tão vergonhosa decadencia e da criminosa indiferença dos que teem por principal dever olhar por este estado de coisas, prohibindo-as em absoluto, dando-lhes um golpe de morte.

No pé em que estão, vergonha, opprobrio!

Com o mais profundo respeito e admiração

De V. Ex.^a
Concidadão obscuro

EDUARDO FERNANDES.



Centenarios esquecidos—Compositores que é obrigação não serem desprezados!

I

Se o mundo artistico tem festejado de uma fórma mais ou menos brilhante os centenarios do nascimento dos dois compositores, Ambroise Thomaz e Franz Liszt, (!) principalmente d'este ultimo, não nos devemos esquecer de outros vultos, na grande arte de Chopin, que tambem viram, n'esse anno, a luz da vida.

Se os nomes de Ambroise Thomaz e sobretudo o de Liszt foram grandes, pelas suas obras e pelos seus talentos, é nossa obrigação tirarmos das cinzas do esquecimento outros artistas, se bem não tão grandes, mas todavia importantes e que concorreram para o engrandecimento da sua arte.

N'um diadema de brilhantes, não devemos apreciar sómente as maiores pedras; as mais pequenas não formarão com o seu valor relativo o conjunto total?

Por admirarmos Chopin, devemos depressar por exemplo Eduardo Lassen, Pujal, etc.?! Decerto que não; por isso dentro d'esta nossa orientação, que estamos certos é baseada na verdadeira justiça, viemos aqui fallar d'outros compositores que n'esse anno de 1811, appareceram n'este mundo, já então como hoje um valle de lagrimas. São elles os seguintes: *Ferdinand von Hiller, Lachner, Feliz Le Couppey, Henri Rosellen, Stamaty e Taubert.*

Ferdinand von Hiller.—Nasceu em Francfort sobre o Mein em 1811, fallecendo em Colonia em 1885. Devemos encarar Hiller como um homem de grande valor, pois como pianista, compositor, improvisador, chefe d'orchestra, e escriptor, deu sempre provas d'um bello espirito e d'uma grande alma de artista. Foi discipulo de Schmitt e de Valweiller. Foi um homem que se dedicou com o profundo ardor a todas as manifestações d'arte e de litteratura. E partindo mais tarde para essa grande cidade d'arte, como era Weimar, foi um discipulo predilecto de Hummel, completando assim a sua educação artistica. Mais tarde, em Paris, viveu com grandes musicos como Rossini, Chopin, Cherubini, Berlioz, Meyerbeer e Liszt. Em concertos publicos e em casas particulares, Hiller revelou-se grande pianista, passando por ser um habil interprete de Beethoven; sendo o primeiro que fez ouvir em Paris o 5.^o concerto em *mi bemol* do grande auctor da *Heroica*. Mais tarde, por morte de seu pae, partiu para Francfort

(1836) fundando uma escola de canto que ficou conhecida na Alemanha! Em Leipzig, tomando conhecimento com Mendelssohn, foi um dos seus maiores amigos. Fundou o Conservatório de Francfort, visitou Londres, onde foi sempre recebido com as maiores provas de agrado, e em Paris dirigiu alguns mezes a Opera italiana, como regente de orchestra. As suas conferencias sobre *historia da musica*, com trechos executados no piano, realisadas em Vienna e em Colonia, fizeram-lhe grangear um nome conhecido e respeitado! Um homem, um artista d'este valor deveria receber um premio do seu talento, e assim foi: a Universidade de Bonn conferiu-lhe em 1868 o titulo de doutor.

Como v'to puramente litterario, Hiller revelou-se sempre uma penna notavel, como attestam as suas obras: *Die Music und das Publikum*, *L. von Beethoven*, *Goethes musikalisches Leben*, etc.

Na parte musical escreveu as seguintes operas: *Ramilda*, *Jerusalem*, *Der Advokat*, *Der Deserteur*, *Sail*, *Rebeka*, *Loreley*, *Prinz*, *Papagei*, etc.

Fallaremos agora da sua obra para piano, pelo menos das peças que conhecemos.

Hiller por vezes empregou um estylo muitas vezes á Schumann, nascendo umas phrases um pouco dificeis de rapida comprehensão, mas a linha geral das suas peças é bem caracteristica, sendo obras dignas de serem executadas e mais divulgadas. Assim temos, 6 livros de *Esusos Artísticos*, op. 15, dedicados a Meyerbeer. Schumann aconselha este trabalho, como bom desenvolvimento de technica. *Fantasia em si menor*, op. 110, *Melanges*, 8 peças, (Marcha, Ghosel, Canto religioso, Guigue, Canon, Estudo, Minuetto e Capricho), *Tres Sonatas*, muito ouvidas na Alemanha, *Symphonia* para orchestra, *Album-Hiller* peças para creanças, *All Antico* (impromptu) op. 133, e muitas outras de valor, entre estas o *concerto em fá menor*, que não conhecemos, e que tem sido adoptado no Conservatorio de Paris como peça de concurso.

Ora, um artista d'esta ordem deveria ser esquecido?!

ALFREDO PINTO (Sacavem),

(Continúa)

(1) Sobre este notavel compositor, começaremos em breve uma serie de artigos, puramente educativos, acompanhados de gravuras. N'este estudo, apparecerá principalmente o nome de uma mulher que foi para Liszt uma *inspiradora* d'algumas das suas melhores obras.

FALLANDO A HISTORIA

Apezar do avanço progressivo do engenho humano, ainda a grande lição são os factos que a historia dos tempos regista. Assim, recordemos que são decorridos cincoenta e nove annos que se inaugurou o actual theatro Gymnasio Dramatico, levando para sua inauguração as comedias em tres actos: *O tio André que veio do Brazil*, original de Mendes Leal; *O homem das botas*, original do actor Braz Martins, e *O misantropo*, imitação de Paulo Midosi.

Os socios do theatro eram: Taborda, Antonio Joaquim Pereira, Geraldo Moniz, Braz Martins, Ferreira Marques, Gonçalves Ramos, Pedro de Assumpção Xavier, Antonio José da Rocha, pintor, Manuel Machado, fiscal, Isidoro da Silva Lima, camaroteiro e thesoureiro, Emilia Candida e Joaquim Rosa Costa.

O pessoal escripturado era: Lopes Abreu, Xavier Lima, Joaquim Moniz, José Carlos dos Santos, Victor, Cruz e Cunha; e as actrices: Margarida Lopes, Emilia Letroublon, Maria José Noronha, Ludovina dos Prazeres e Magdalena de Carvalho.

Os preços de então eram os seguintes:

Camarote de 1.^a ordem, 1\$90; de 2.^a ordem, 1\$40; de 3.^a ordem, 90c; superior, 320; geral, 240, e varandas, 100 réis.

Saudosamente recordamos o passado, de onde ainda podemos, felizmente, recortar muito ensinamento, ao que o progresso chama hoje—velharias.

Cincoenta e nove annos apenas passados e tanta magua vertemos sobre um preterito que tão memoraveis recordações nos traz para confronto e desalento n'uma sociedade recheada de *parvenus* e de ridiculos pretenciosos.

Chegamos a crer que retrogradamos em vez de progredir.

E' que—*alteri tempi, alteri pensier!*



O pequeno mendigo

—Vaes-te embora ou não, patife? gritava no jardim a Reynalda armada com uma vassoura. Espera que já te ensino a andar em roda das casas.

E com a vassoura ameaçava um pequeno mendigo que, encostado á grade de madeira, olhava para ella fazendo caretas.

—Que é isso, oh! Reynalda? perguntei-lhe.

—Pois o senhor não vê este descarado? respondeu a criada. Ha ma s de dez minutos que anda a passear em roda da casa, o vadio... Conheço bem estes miseráveis... Ha tres dias ardeu a granja de Hartebeze, o senhor bem se lembra, sem se saber como nem por que... Quem é que nos diz que não foi este velhaco ou algum companheiro d'elle? Espera que eu já te vou fazer queimar granjas!

—Aproximei-me do pequeno e disse-lhe com voz severa:

—Que fazes, afinal?

—Querias pão ou outra qualquer coisa.

—Vamos, anda d'ahi que terás pão.

Mas o pequeno não se movia. Na sua cara, que tomara de repente um aspecto grave, via-se uma expressão de desconfiança.

—Anda d'ahi, repetei-lhe.

Encarou-me com os seus grandes olhos onde se lia o medo.

—Promette não me fazer mal?

—Prometto, imbecil!

—Nem essa mulher da vassoura?

—Tambem não.

—Então, lá vou.

Atirou para cima das costas o alforge cheio de codeas de pão que tinha encostado á grade e veio atrás de mim.

Dei-lhe um bocado de carne fria, pão fresco e uma garrafa de cidra, e o pobre pequeno começou a comer soffregamente, mas não sem olhar com uma certa inquietação em redor d'elle.

Os seus olhos vivos examinavam, esquadrinhavam tudo. Dir-se-ia que estava com medo de que saísse qualquer coisa sobrenatural dos moveis, da chaminé, debaixo do sobrado, do caldeirão de cobre amarello que brilhava como um sol, ao fundo da cozinha.

Teria treze annos. A sua cara enfarruscada era fina e engraçada, os seus olhos muito negros, sobre umas olheiras fundas, tinham uma expressão ao mesmo tempo gaiata e nostalgica, os seus cabellos negros, compridos e corredios, dar-lhe-iam um aspecto de pagem, como se encontrarmos nos romances de cavallaria, se não fosse a pobreza do seu casaco de linho rôto em dez partes e a miseria das suas calças cheias de remendos e muito curtas, deixando ver a barriga das pernas, os tornozelos delicados e os pés nus, callejados pelo andar e amarellecidos pela poeira das estradas.

Tinha além d'isso, apparencia de saude e força.

Quando elle já estava bem confortado, perguntei-lhe.

—De onde és tu?

—Eu cá sou bohemio, quero dizer, o meu pae é que era bohemio, porque não sou de parte nenhuma. Eu nasci n'um carro, n'uma

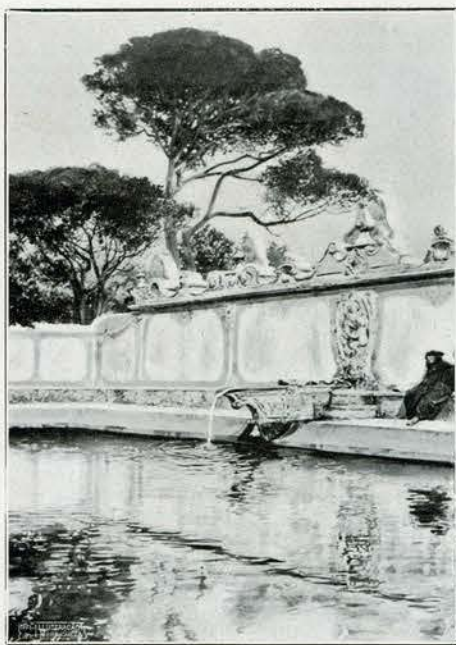
Exposição Roque Gameiro



Roque Gameiro



A résa do terço—(Costumes antigos)



Tanque da quinta do Convento do Carmo (Collares)



Os mariolas—(Costumes antigos)

estrada, longe d'aqui, não sei em que terra.

—Teus paes ainda vivem?

—Meu pae já morreu.

—E tua mãe?

—Não sei.

—Como ficaste só?

—Meu pae tinha um carro grande, amarello, que era a nossa casa. Andavamos de cidade em cidade. Meu pae concertava louça e amolava facas.

Eu assoprava a forja e fazia girar a mó, e o cão guardava o carro.

Paravamos sempre á entrada da terra: os cavallos comiam a herva que encontravam e depois, quando eu tinha ganhado um dia bom, preparava-se a ceia, á borda da estrada e meu pae batia-me! Mas ha que tempo que isso foi, não era ainda eu crescido como agora! depois meu pae partiu as duas pernas e como não podia trabalhar começou a pedir esmola e eu tambem. Vendeu o carro e os cavallos e ficou com-migo e o cão.

—Mas como podia elle andar a pedir esmola com as duas pernas quebradas?

—Com o dinheiro do carro comprou um aparelho de rodas. O senhor comprehende: estava como sentado no aparelho, que elle impellia com as duas mãos... Parecia um bote... O senhor já tem visto botes... Pois o meu pae era como quem diz o bote e os braços eram os remos... E depois morreu... Então continuei a pedir esmolas sózinho. O que eu não gosto é de cidades, não ando senão pelos campos.

—E não te achas infeliz?

—Não, senhor, Eu gosto muito d'isto. Algumas vezes deixam-me dormir nas granjas, outras vezes põem-me fóra... Então, sempre arranjo onde me recolher... Nos bosques ainda é melhor que nas granjas... Ha bom musgo, boas folhas seccas e depois é magnifico, de manhã, os passarinhos cantam e vejo lebres e veados...

—Mas como arranjas de comer?

—Algumas vezes dão-me e isto é bom, outras vezes não me dão e eu roubo.

—Tu roubas, miseravel!

—Sou bohemio!

—Não tens medo que te mettam na cadeia?

—Não podem porque sou bohemio. Toda a gente sabe...

—Que é que toda a gente sabe?

—Que os bohemios podem roubar. O senhor não sabia?... Mas é muito antigo...

Um dia um bohemio passou por pé da cruz onde morria Nosso Senhor... Arrancou-lhe os pregos dos pés e levou-os...

Desde essa occasião Nosso Senhor deu licença aos bohemios de roubarem... Acabei disse o pequeno levantando-se. Vou-me embora, mas o senhor é uma excellente pessoa.

O pobre pequeno tinha-me commovido. Perguntei-lhe:

—Olha lá, meu amigo, gostavas de te instruir, de aprender um officio?

—Eu, não, senhor! respondeu vivamente. Para que? Gosto mais das minhas estradas, dos meus campos, das minhas bellas florestas e dos meus bons amigos, os passarinhos... terei sempre uma cama de musgo, no verão, pedreiras bem quentes, no inverno, e a caridade de Deus que gosta dos pequenos bohemios... Mas o senhor é uma excellente pessoa... Adeus... muito obrigado...

Dei-lhe alguns cobses a enchi-lhe o alforge de pão e carne. Alegrementemente, como salta um cão, transpoz o limiar da porta.

Vi que tinha para'o no silvado proximo.

Arrancou um ramo de aveleira de que fez uma bengalia; depois, tendo-me dito adeus, deitou a correr pelo atalho e desapareceu.

Pobre creança! talvez tenha razão! E talvez que tivesse podido ser banqueiro ou ministro...

OCTAVE MIRBEAU.

Exposição Roque Gameiro

Concluimos no presente numero a inserção das gravuras da exposição d'este grande artista.

Não o faremos, porém, sem enviarmos a Roque Gameiro e a suas illustres filhas as nossas mais entusiasticas felicitações pela variedade e riqueza dos trabalhos expostos, lamentando que o governo e as camaras municipaes não tenham adquirido alguns d'elles, como era seu dever.

O lobo de San Francisco de Assis

Andava o povo assustado a fazer a montaria ao grande lobo esfaimado que tanto mal lhe fazia.

Elle levava nos dentes agudos e carniceiros os meninos inocentes que são os alvos cordeiros.

E as pessoas assaltando vinha de noite, em segredo, com seus olhos chamejando encher a gente de medo!

Ora, San Francisco era incapaz de querer mal mesmo que fosse a uma fera, até ao tigre real.

Tinha tão bom coração que homens e bichos o amavam, e as andorinhas poisavam na palma da sua mão...

E como elle desejava que tudo visse em paz, emquanto o povo caçava, o Santo, o Poeta, que faz?

Procura o lobo cruel e tendo-o encontrado emfim, chamou-o, foi para elle, sorriu-lhe e falou assim:

—O lobo, muito mal fazes em levar vida tão má! Mas eu proponho-te as pazes e tudo esqueço... Ouve lá:

Para nosso e teu descanso, nós, bons amigos seremos. E de comer te daremos para poderes ser manso...

Promette que has de mudar de vida, neste momento! E em sinal de juramento levanta a pata ao ar e põe-na na minha mão!—

Jurou o lobo, e cumpriu: E assim, toda a gente o viu tão mansinho como um cão.

AFFONSO LOPES VIEIRA.

N. da R.—Devido a terem-nos chegado tarde as mãos os presentes versos, deixaram de acompanhar a gravura a que se referem.

O TEDIO DE VIVER

(Conclusão)

A idéa da morte anda hoje mais do que nunca ligada á idéa da vida. Cada vez se pensa mais no mysterio d'além tumulo e —coisa espantosa de verificar-se!— tanto mais é procurada quanto parece aterradora. Hypnotisadas pelo terror da morte, algumas creaturas antecipam-n'a para evitar o pesadello da incerteza... Basicamente é o desejo de conhecer aquillo que só nos apparece ennuvado e nebuloso mesmo ao preço da propria vida; Cyrano de Bergerac não temia morrer se pudesse renascer na lua ainda mesmo com a certeza de que nunca mais voltaria!...

Mas este tedio de viver que tenta vez leva a desaparecer da vida tem em muitas occasiões um aspecto novo, todo replecto de grandeza d'alma, de generosidade e de abnegação. Não ha coisa mais bella do que a morte de Kosciusko cahido ao grito de *Finis Poloniae*; Kosciusko vê a sua terra dominada pelo russo, sente-a perdida —e Kosciusko não quer vêr. Quando essa figura cae, se deixa matar voluntariamente, é porque o seu paiz agonisa e Kosciusko, morrendo, leva consigo a alma da Polonia... O' Connell defendendo a Irlanda, procurando a morte pela liberdade d'ella; Botzaris, o heroe da moda na Grecia, com o coração de Leonidas, com a sensatez de Pericles morrendo miseravelmente; Brown, que se deixa enforcar para que os seus ir-

mãos negros tenham finalmente a carta d'alforria, são os exemplos mais vibrantes, mais bellos de quanto pode a loucura da morte dada para o resgate de um ideal supremo. Emquanto na terra houver corações sensíveis, emquanto pulsar nas almas generosas o mais acrisolado amor pela humanidade, ha-de eternamente viver a memoria d'estes homens que são o orgulho d'elles. Esta dadiua da existencia que não é movida pelo tédio de viver mas pelo desespero de viver (o que em summa é a mesma coisa) é a mais bella de todas embora modificada pelo horror de vêr desaparecer, fenecer, uma idéa querida. E quando a illusão morre, é um pouco da nossa alma que morre tambem. E' a certeza indubitavel de *nunca mais*, é a suprema queda de um desígnio; perdôa tudo.

A morte é a lei da vida. O sabio conta com ella, o artista olha-a curiosamente e de mais em mais, de sempre em sempre o homem começa a preocupar-se com ella; e coisa curiosa: á medida que se vaie perdendo o amor de viver, torna-se cada vez mais cára; hoje já se não offerece com facilidade; ha quem não a queira dar mas consente em perdê-la. Preocupação urgente, inadiavel que figura em todas as nossas acções, transparece em todos os nossos actos... Se vos lembraes de Lazaro que na *Joie de Vivre* teme a morte em tudo e por tudo, tereis a idéa exacta do nosso pensamento mais dominante; e a elle, corroe-o a suprema magua de não poder vêr o progresso dos seculos vindouros, sonha, debalde, noites inteiras com um futuro que não verá jámais. Esta idéa primacial é quasi sempre, para os entes superiores, o primeiro passo n'uma estrada fatal. E' pueril, especioso mas é assim. Não ha razões que a justifiquem; verifica-se unicamente, eis tudo.

Esta idéa da morte é tão poderosa, de tal maneira se apodera de nós, que parece ser o dominante principio que agita tudo quanto vive. Tudo quanto soffre e se lamenta, tudo quanto se arrasta e chora á luz do sol, mesmo nos limbos da mais espessa animalidade, vê a morte e tem a certeza d'ella. Apenas a intelligencia lhe deu um caracter de transição; o instincto considera-a o fim. E quer seja uma quer outra coisa, a intelligencia — e ás vezes o instincto — irritam-se, enfurecem-se, querem saber — e prompto, está consumado o acto. Nem o proprio espiritismo com as suas meias revelações, tem feito sustar a perversa bisbilhotice. Tudo ou nada; não ha meio termo para a insaciavel curiosidade humana.

Tudo ou nada. As religiões, todas, das mais elementares ás de maior chorume theologico, fomentam, de resto, esta maneira de pensar. A convicção de uma outra vida, o Paraizo, o Nirwana, a suprema beatitude, influem notavelmente n'aquellas sociedades ainda não contaminadas pela descrença. De tal madeira a humanidade tem medo da morte que todo o seu esforço secular e immenso tem consistido em fazê-la attrahente e bella. Todo o arabe confiado em que *a morte não destrôe mas apenas torna invisivel*, conforme resa o antigo dictame, se ornou de fatatismo e vê na dissolução da materia unicamente a liberdade da alma. O indio atravessas as planicies do Pendjab, centenas de leguas endurecidas pe'a mais revolta natureza, de proposito para se immolar a Sivha; e fel-o cantando. Depois, como, as religiões evoluem, como se ramificam, descendo da especie á familia, da familia á variedade, cada qual arranja o seu deus, a variação do seu deus e procura a extrema voluptuosidade entregando-lhe a vida. Não fazamos que tão de morrer. O deus pode ser a Miseria, a felicidade innacessivel, pode até ser o dinheiro; e pela misería, quantos se não matam! Quantos se não matam pelo dinheiro!

A razão da morte tem assim, sempre uma causa. Oupor se ser de mais na vida, ou mesmo por simples curiosidade — uma creatura supprime-se. E' crime? E', de certo. No mysterioso fito para que tende a vida, *por juizos incognitos de Deus* todos se devem a si proprios e aos que os rodeiam. E' assim a theoria, mas como está longe da pratica! Ide ensinai-a ao Desespero e á Desgraça! E é assim! Apropriae-vos das palavras de Rider Haggard, traduzidas por Eça, perguntae um dia em alta voz, como o selvagem da Inlulandia:

— Qual é a sorte sobre a terra
De quem teve de nascer?

E toda a humanidade vos responderá, vos dará a nota da sua applicação perenne:

Morrer!

FIM MARIO D'ALMEIDA.



THEATRO DA REPUBLICA

CENTENARIO DE LIZST

4.º concerto por Vianna da Motta, com uma orquestra, sob a direcção de D. Pedro Blanch.

Fomos ouvidos! Eis uma alegria que sentimos ao lêr o programma d'este concerto. Geralmente o critico musical, no nosso paiz, quando quer fazer critica sincera e justa, nunca é ouvido, ainda se riem e chamam-lhe *ingenho*, como se a critica justa fizesse mal á arte!

A *loucaminha* portugueza é que tem sido a verdadeira causa da nossa decadencia em materia musical, pois se houvesse critica sincera e proba appareceriam tantas *revistas do anno*?

Sobre a elaboração dos programas dissémos o que sentimos, com a conducta recta que a nossa consciencia nos dictava, e ao sermos ouvidos, vemos apparecer um programma á altura do grande compositor. Por isso aqui estaremos para elogiarmos a empreza do *Republica*, pois a tarde de domingo passado foi de verdadeira arte! Se Lizst tivesse voltado do outro mundo a este, estamos certos que gostaria de ouvir as suas obras assim executadas!

E quando sahimos do theatro, pensámos mais uma vez que temos bellos elementos musicas; o que falta é iniciativa e boa vontade. Organismem mais concertos e veráo como o povo se educa e se *civilisa* artisticamente, pois actualmente está *selvagem* a valer!

A orquestra, composta de artistas portuguezes, executou os *Preludios* de Lizst, e acompanhou o distincto pianista no *Concerto em mi bemol*, e na *Fantasia Hungara*, de uma forma brilhante. D. Pedro Blanch, artista de grande alma, filho d'essa tão artistica Hespanha, regeu de uma forma admiravel, dando ás peças um colorido verdadeiramente suggestivo!

As ovações que recebeu foram justissimas, e nós d'aquí lhe enviamos os nossos sinceros applausos. Vianna da Motta, mais uma vez, foi o artista querido do publico. A sua technica arrebatava.

Esse *Carnaval de Pesth*, e a *Benedicção de Dieu* foram obras em que Vianna da Motta foi brilhantissimo, está claro, fallando sómente nas obras a solo.

O sr. presidente da Republica chamou Vianna da Motta e D. Pedro Blanch ao camarote, fazendo-lhes os maiores elogios. O theatro estava completamente cheio.

A'manhã, domingo, haverá outro concerto, tambem com orquestra.

ALFREDO PINTO (Sacavem).

A *Sonata*, comedia em 1 acto, traducção de Chagas Roquette.

O *Sr. Freitas*, comedia em 3 actos, original de Chagas Roquette e Alvaro Lima.

Subiram á scena no Republica, em 29 do corrente, estas duas comedias.

A *Sonata* é uma comedia originalissima, finalizando mesperamente por um modo espirituoso, e cuja traducção foi feita com esmero. No desempenho tomam parte apenas Ferreira da Silva, H. Alves, Pinto Costa, T. Vieira, Senna e Pina, os quaes se houveram por modo a manterem um conjunto harmonioso. Todavia, justo é salientar Ferreira da Silva pela maneira assaz interessante e artistica po. que exteriorisou a sua personagem, nas suas tres phases, cheias de imprevisto.

Quanto ao *Sr. Freitas*, é uma comedia extrava-gante, repleta de espirito quer no entreccho quer no dialogo, podendo dispensar-se certas frescuras, de resto menos mal metidas, mas que desagradam. Foram ellas que deram logar ás manifestações de desgurado que se fizeram ouvir levemente no final do 2.º acto, e mais pesadas no fim da peça, não sendo extranha a ellas aquella personagem confiada a Pimentel, que de resto se desempenhou do ingrato papel por modo a suavisal-o quanto possivel, no que se revelou artista meticulozo.

Sem aquella personagem a peça teria alcançado um verdadeiro successo, o que não significa que não tenha agradado pelo entreccho, combinação de scenas e sobretudo pelo desempenho, que, digamos, é magistral por parte de todos os artistas.

D'estes destacam-se contudo, pela natureza do papel e pela interpretação, Chaby, Angela e Barbara, cabendo incontestavelmente as honras ao primeiro, que apresenta um tipo impagavel, mantido em toda a peça com a maior correcção.

Alves, Oliveira, Sarmiento, Julia de Assumpção e Emilia Sarmiento secundam brilhantemente aquelles seus collegas, precisando as suas personagens com intensa verdade e colorido.

Repetimos: cortadas umas frescuras que a peça contém e modificada um pouco a scena de entrada do ruia, que não tem preparo, o que lhe causa um travo desagradavel, deve fazer carreira.

Os artistas foram muito justamente ovacionados em todos os actos e no final da peça. A casa estava repleta.

Enscenação primorosa, rica de minucias.

E. F.

THEATRO DO GYMNASIO

A *Receita do Mourisca*, comedia burlesca, em 3 actos, original de Leandro Navarro.

Não foi feliz o seu auctor e nosso amigo Leandro Navarro. Que elle nos releve a franqueza, mas não sabemos mentir á sua velha amizade, nem elle nol-o perdoaria.

A sua peça tem pouco de burlesca e muito de infantil, podendo resumir-se a sua acção a um simples acto, no qual o publico riria mais e melhor, se foi isto a que visou.

Quanto a desempenho... Asseguram-nos que muito influi o facto de poucos ensaios; dóze, disseram-nos. Não é uma razão, e desculpas não atenuam faltas; além de que; não crémos realmente poucos os ensaios referidos.

Assim, destacam-se Henrique d'Albuquerque em primeiro logar, fazendo de mais a mais um papel fora do seu genero e do seu feição, depois Albertina d'Oliveira e Tristão, aquella n'uma criada ladina, bem observada, este n'um criado fmiro, muito cuidado.

Telmo, valendo-se no decorrer da peça do engenho que lhe sobra, pelo seu longo tirocinio, não nos satisfêz; igualmente Maria Augusta, demasiado emphatica e em desacordo com a exteriorisação da personagem, ridicula e burlesca; Augusto Machado, uma reprodução de outros tipos mais felizes. Herminia Silva, fazendo boquinhos, desengonçada, vestindo mal; Soares, uma physionomia parada, corpo sem alma, sem calor, n'uma gesticulação sempre demasiada e sempre impropria.

A'cerca da enscenação, banal, a principiar pela distribuição, que foi algo desagradada. Scenario, usado, especialmente aquella fundo do 2.º acto; mobiliario, soffrivel.

ESPECTACULOS

NACIONAL — 8 1/4 — 20:000 dollars.

REPUBLICA — 8 1/4 — Sonata — Sr. Freitas.

THEATRO DA TRINDADE — 8 1/4 — Princeza dos dollars.

GYMNASIO — 8 1/2 — A receita do Mourisca.

THEATRO AVENIDA — 8 1/4 — Conde de Luxemburgo.

THEATRO APOLLO — 8 1/2 — O Chico das Pégas.

THEATRO MODERNO — Arre, qu'ê burro... (revista).

THEATRO RUA DOS CONDES — 8 1/2 e 10 1/2 — Fandangos e Maxixe (revista).

THEATRO DAS VARIEDADES — 8 1/2 e 10 1/2 — Pae Paulino (revista).

THEATRO PHANTASTICO — 8 1/4 e 10 1/4 — Eh! thalassa!... (revista).

ROCIO PALACE — Que ha de novo. (revista)

THEATRO INFANTIL DO ROCIO — 8 e 10 — A' esprieta infantil.

COLYSEU DOS RECREIOS — 8 1/2 — Companhia de variedades.

CHIADO TERRASSE — Rua Antonio Maria Cardoso.

SALÃO CENTRAL (Palacio Foz) — Avenida da Liberdade.

OLIMPIA — Salão de concertos, etc., rua dos Condes.

SALÃO DA TRINDADE — Rua Nova da Trindade.

SALÃO DOS ANJOS — Foguetes e fmgagás (re ista).

JARDIM ZOOLOGICO — Exposição permanente de aves e animaes ferozes.

LOJA DE NOVIDADES
61-RUA DA PALMA-63

O estabelecimento mais importante de Novidades do Paiz e o unico que vende com a reducao de **30 0/0** dos preços das outras casas pelo facto de ter representações e depósitos das fabricas.

Colossal sortimento de metais: Talheres de cristal e de todas as outras qualidades. Objectos para brindes, vidros e cristaes, Cutelarias, Artigos de ménage, Cris offe, Utensilios para barbeiro, Filtros para agua, 6.000 lindissimos pregos para chapéu para liquidar por metade dos preços.

LOJA DE NOVIDADES
 61-RUA DA PALMA-63
 Loja e 1.º andar do prédio todo (Em frente da Confeitaria Pires)

O unico estabelecimento de Lisboa que não tem competidor




Jarros com tampa de metal a 670 réis
 Talheres de metal a 15000 réis

TINTURARIA A VAPOR
 DE
Augusto Pires Branco

Tinge toda a qualidade de fazenda de seda, lã e algodão, em todas as cores e peças de toda a qualidade de fazenda a preços convencionaes.

Algodões ou lã em fio, Lavagem de fato feito. Degraissage a sec. com brevidade e perfeição.

45, CALÇADA DO CARMO, 47
 ESTA CASA NÃO TEM SUCCURSAES

A NACIONAL
 COMPANHIA DE SEGUROS

Sede na sua propriedade: —14, Avenida da Liberdade, 14— LISBOA

Sociedade anónima de responsabilidade limitada

Fundada em 17-4-906

RESERVAS
 135:753\$650
 RÉIS



Seguros de vida e Seguros terrestres e marítimos

Prestem-se todas as informações verbalmente da 10 horas da manhã às 5 da tarde, na sede da Companhia, ou por escripto na volta do correio.

Director—**FERNANDO BREDERODE** Sub-Director—**JOSÉ A. QUINTELLA**

SEDATOL
 (PARA FRICÇÕES)

Infalivel no uso do reumatismo, dores nervosas e dores do menstro.

Á VENDA NAS PHARMACIAS E DEPOSITOS

Largo de S. Julião, 7, 1.º — LISBOA
 Largo de S. Domingos, 62, 1.º — PORTO

1285 guarda-livros. Habilitados por Magalhães Peixoto, autor de 10 livros. Recibe discipulos todos os dias das 8 horas da manhã às 11 da noite.

Rua de S. Julião, 162
 Para a provincia lecciona pelo correio.

Grande loteria do Natal

Extracção a 23 de dezembro

Premio maior . . . 240:000\$000
 Segundo premio . . 30:000\$000

Bilhetes a 100\$000 réis, vigesimos a 5\$000; caudales de 25\$00, 15\$00, 15\$100, 550, 330, 220, 110 e 60 réis. Dezenas de 25\$200, 15\$100, e 600 réis.

Esta casa desconta desde já o coupon de 3% da Divida Interna referente ao semestre corrente.

Todos os pedidos devem ser dirigidos á casa

João Candido da Silva
 196, R. do Ouro, 198
 LISBOA

VIRGILIO DE SOUSA
 ADVOGADO

Telephone n.º 2851

RUA ARCO DO BANDEIRA, 104, 1.º, E.
 LISBOA

Salvador Villarinho Ferreira
 Clinica Geral
 Partos e Doenças de senhoras

DAS 3 AS 5 DA TARDE
 R. DE S. ROQUE, 67, 1.º E.
 TELEPHONE 1.573

P. Casanova da Fonseca
 LEILÕES

Compra e venda de propriedades
 Empréstimos
 hypothecarios e procuradoria

R. d'Assumpção, 67, 2.º--LISBOA
 (Esquina da R. Augusta)
 TELEPHONE 3418

Vendem-se e alugam-se
GRAVURAS

A PREÇOS MODICOS

Dirigir pedidos á administração da

“VIDA ARTISTICA”

RUA DO MUNDO, 81, 2.º

LISBOA

J. VILANOVA & C.ª Telegrammas: LOWSKY Lisboa Porto

TELEPHONE 1.438

SÉDE: Rua Boa Vista, 160, 162 e 164 LISBOA

FILIAL: Rua do Almada, 113, 1.º PORTO

OLEOS MINERAES

Especiaes para lubrificação de automoveis

GANHAM AS CORRIDAS DE RAMPA, A SABER:

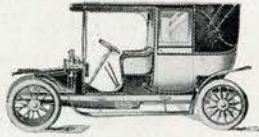
O Ill.º Sr. Estevão de Oliveira Fernandes em carro Brasier lubrificado com o nosso **Oleo Automobiliol A**, ganha a taça dos Sports illustrados.

O Ill.º Sr. Angel Beauvalet, em carro Berliet lubrificado com o nosso **Oleo Extra-Automobil Cylinder**, é o segundo classificado.

AUTOMOVEIS D'ALUGUEL

Marca
F. I. A. T.

Praça
do ROCIO



Taxi
SELLADO

Telephone
2698

Garage F. I. A. T. — PALACE — Telephone 2702

SERVIÇOS À HORA

N.º de carros: 19, 35, 122, 190, 375
CARROS ABERTOS, EM CARAGE

Alugam-se carros ao mez (aturados) nas mesmas condições que as carruagens
Proprietario, VASCO JARDIM

F. Street & C.º L.ª

ENGENHEIROS

Machinas R.ª Poço dos Negros

Telephone N.º 646

LISBOA

Vinhos e Azeites

JOÃO LUIZ AFFONSO

Travessa da Trindade, 22-24

Vinho Verde de 1.ª qualidade
Azeite de Castello Branco muito fino
Vinhos finos e licôres.

A VINTEM
Pão integral
NUTRICIA

A 15\$000 réis

Esquentadores de cobre
para banho

Ramiro Pinto & C.ª

146, RUA AUGUSTA, 148

"MERCEDES"

MACHINAS DE ESCREVER

A mais perfeita e resistente

RUA AUGUSTA, 75 — LISBOA

ACCESSORIOS

Reparações em todas as marcas
de machinas

Copias à machina — Traducções
Ensino de Dactylographia

VENDAS DE MACHINAS

TELEPHONE N.º 3066 — Agencia no Porto

Cesar A. Paiva

Cirurgião-Dentista
do Hospital de S. José e annexos

Premiado na exposição internacional de Paris de 1900, com menção honrosa a unica concedida pelo jury a expositores portugueses d'esta classe.

Collocam-se dentes desde um até a dentadura completa. Tratamento especial de molestias de bocca.

R. do Arsenal, 100, 1.º

Telephone n.º 3.355 LISBOA

Vestidos de senhoras e crianças

LAVA, LIMPA E TINGE

A
TINTURARIA CAMBOURNAC

10, Largo da Annunciada, 10

Rua de S. Bento, 175-A

LISBOA Telephone 562

Ouivesaria Cunha

RUA DA PALMA, 100, 106
LISBOA

Grande sortimento de objectos de ouro e prata a peso, fizes como cordões, cadeias e pulseiras, serviços para almoço, facineros, terrinas, pratos cobertos, serpentinhas, tableiros, salvas, castiças, jarros e bacias, etc., crystaes, guarnecidos em prata e muitos objectos em estajo proprio para brindes, desde 18000 réis.
Compra antiguidades, ouro, prata, platina, joias e cauteias do Monte-pio Geral.

606

Tratamento da syphilis pelo «Salvarsan», systema de Ehrlich, pelo

DR. DECIO FERREIRA

Rua Garrett, 61, 1.º, E.

TELEPHONES 2570 E 3099

OFFICINA DE FUNDIÇÃO DE METAES

TORNEIRO E GALVANISMO
FUNDADA EM 12.6.1901

Manufactura de todas as ferragens (em metal) para automoveis, nikelagem, etalages e varios para montras, ferragens para urnas e moveis antigos, etc., etc.

Canalisações e aparelhos para Gaz e Agua

Installações electricas

Dourar
pratear, nikelar e bronzear

ANTONIO TELLES

R. SARAIVA DE CARVALHO, 89 A 93

LUZ ELECTRICA

J. A. LEITÃO

129, Rua do Salitre, 131, LISBOA — Telephone 2623

Construcções e installações electricas, força motriz, apparelhagem electrica e seus accessorios, motores-dinamos para corrente continua ou alternada, lampadas de incandescencia de todas as qualidades, lampadas de filamento metálico, arcos voltaicos, resistencias, acumuladores e aparelhos de precisão, ventoinhas e aparelhos para aquecimento, telephones, campainhas, raios-x, etc., etc.

REPAÇÃO DE TODO O SYSTHEMA DE GERATRIZES OU ELECTRICO-MOTORES
ORÇAMENTOS GRATIS

Rapida execução em todos os trabalhos — Modicidade em preços

OFFICINAS E DEPOSITO — Rua do Salitre, 129

Alfredo Eduardo Gonçalves

OFFICINA

— DE —

CARPINTERIA

Encarrega-se de edificações ou reedificações e qualquer especie de trabalhos concernentes à sua arte

7, Rua da Condessa, 9

(AO CARMO) LISBOA

ENCAVERNADOR-DOURADOR

Papelaria, Typographia e Artigos Religiosos

220, Rua Augusta, 222

Telephone
2089

Maulino Ferreira

Succursal das

Officinas

de encadernação

movidas a vapor

92, R. N. da Trindade, 92

TELEPHONE 1495

Garage

Estephania

107-109, R. José Estevam, 111-113

LISBOA

Automoveis de aluguer da reputada marca FIAT. Taxímetros, luxuosos e com chauffeurs fardados

Telephone 2698

Empreza Nacional de Navegação



Sac no dia 7 de dezembro o

Paquete LOANDA

para a Africa.

Para carga, passagens e outros esclarecimentos, trata-se: — NO PORTO: com os agentes H. Burmeister & C.ª, rua do Infante D. Henrique — EM LISBOA: Escriptorios da Empreza, 83, rua do Commercio.